



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CARIRI PARAIBANO: O CASO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (1945-1955)

Faustino Teatino Cavalcante Neto
faustinoteatino@bol.com.br
Professor da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Mestre em Ciências da Sociedade – UEPB
Orientador: Josemir Camilo de Melo

1. Introdução

A partir da década de 1920 assistimos o início de uma crítica à história "tradicional", crítica essa que foi implacável especialmente em relação à história política, que se detinha ao estudo dos Estados através de suas guerras e relações diplomáticas. Trata-se da emergência da "História Nova", uma história que ao rechaçar a história metódica, dita positivista, se afirma como uma escrita preocupada em estudar todo o "meio humano" (o econômico, o político, o cultural, etc.), vale dizer, uma escrita preocupada em estudar as totalidades históricas olhando igualmente para a economia, as mentalidades ou os costumes.

Foi neste berço que emergiu as primeiras pretensões do que se convencionou chamar de Nova História Política, cuja grande marca é a identificação de um campo específico do político, com estruturas e uma cultura que lhe são próprias. Preocupa-se com a "história das formações políticas e das ideologias, em que o estudo da cultura política ocupa um lugar importante para a reflexão e explicação dos fenômenos políticos, permitindo detectar as continuidades no tempo de longa duração" (FERREIRA, 1992, p. 268). Pensa-se agora, dentre outras variantes, em termos dos partidos políticos, das disputas eleitorais, das ideologias políticas, resgata-se a ação dos homens no campo político, reconhecendo-se assim a pluralidade e a longa duração dos fenômenos que envolvem esse campo.

É nesse sentido que neste artigo analisaremos como se estabeleceram as relações de forças políticas travadas pelo poder na Paraíba, no período de 1945 a 1953, com o cuidado de não sermos meramente factuais ou descritivos. Mais especificamente, consideraremos os embates eleitorais entre o poder estabelecido, juntamente com as instituições que lhe serviam, e os militantes comunistas; processo esse que apreciamos como responsável pela construção de uma cultura política determinada, no caso peculiar o imaginário social acerca do comunismo.

2. A "Redemocratização" e o Embate das Forças Políticas Paraibanas: Estado X PCB



O processo eleitoral, ressurgido com a “redemocratização”, ensejou a emergência das rivalidades latentes na luta pelo poder, representando o momento crucial do conflito: o embate de forças pela manutenção do poder por parte do governo, e de sua conquista por parte de seus oponentes comunistas. É sobre este período que pretendemos evidenciar como o governo, junto às instituições civis que lhes serviam, empreendeu a propaganda anticomunista no desenrolar das campanhas eleitorais na Paraíba, por entendermos que tal processo contribuiu para constituição do imaginário sobre o comunismo.

2.1. Eleições de 1945: O Volver do Comunismo

A “redemocratização” na Paraíba encontrava-se em marcha desde o início de março de 1945, processando uma campanha que trazia, de um lado, as oposições que ganharam as ruas proclamando o candidato Eduardo Gomes e a derrubada de Vargas; e, do outro, a interventoria de Ruy Carneiro, que apoiava o general Dutra. Barbosa, analisando este momento, esclarece:

Faziam-se comícios e promoviam-se atos públicos por todos os recantos do Estado, com distribuição de material de divulgação, inclusive folhetos de cordel. A poesia popular, através dos artistas autênticos, cantada nas feiras e comícios, levava ao povo a alegria pela conquista do direito de poder saudar a nova aurora que surgia no horizonte da pátria brasileira. Além das contribuições que, espontaneamente, eram colhidas junto ao povo, através das promoções, é de se registrar a ação até comovente de contribuintes anônimos que, por conveniências, escrúpulos ou o receio de comprometimento, preferiam fazê-lo em caráter sigiloso, para que seus nomes não aparecessem nas relações dos doadores (BARBOSA, 1985, p. 109).

Apesar de toda essa dinâmica social em meio ao contexto do “retorno” à democracia, assistia-se na Paraíba a permanência de muitas das práticas até então em vigor com a ditadura de Vargas. O militante comunista José Peba Pereira dos Santos nos relatou que no comício realizado em fevereiro de 1945, na cidade de Campina Grande, em favor da redemocratização do país e pela libertação do líder comunista Luiz Carlos Prestes, esteve presente fazendo parte do evento relatando as experiências vividas nos lugares que tinha trabalhado, e como saldo do ocorrido no dia seguinte foi expulso da Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Indústria de Calçados, que naquele momento já se encontrava cooptado pelo governo getulista¹.

Neste mesmo mês e ano, o movimento estudantil paraibano² havia dado um passo à frente com a criação do Centro dos Universitários Paraibanos, instituição fomentada por

¹ Entrevista concedida ao autor em 13 de outubro de 2005.

² Em João Pessoa realizavam-se, desde 1940, reuniões intermunicipais estudantis. “A mais importante destas, o Congresso Estudantil de 1942, nos Salões do Liceu Paraibano, Campina Grande compareceu com delegação liderada pelos colegiais Petrônio Figueiredo e Josmar Toscano Dantas. Na culminância desse processo, sobreveio o Centro Estudantil Campinense em que se apoiou Félix Araújo para as campanhas contrárias aos aumentos dos transportes, pão e cinemas, no período 1945/48”. Cf. A UNIÃO, 26 e 27 de julho de 2003.



Afonso Pereira³. Mello (2003, p. 119) descreve que este e alguns outros intelectuais paraibanos, inspiravam a Sociedade de Cultura Musical a promover recitais acompanhados de exposições político-culturais, cujo antifascismo constituía o traço inerente dessas manifestações no primeiro quadrimestre de 1945 na Paraíba. Ao lado dos Grêmios Estudantis, constituíam-se dinâmicas “instituições recreativas, culturais, filosóficas e religiosas, que passaram a dar um novo caráter ao Estado que já não era o mesmo de antes” (Idem).

Em abril, o novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, substituiu a colaboração rooseveltiana com os soviéticos por uma aberta confrontação, assumindo assim o papel de “baluarte anticomunista” (MOTTA, 2002, p. 04). A Guerra Fria punha-se a caminho, o que se revelaria fatal para a “redemocratização” brasileira e também paraibana.

Nesse contexto internacional, em 24 de abril, os comunistas paraibanos lançaram a União Socialista da Paraíba (USP), declaradamente antifascista e favorável à retomada das liberdades essenciais. No dia seguinte a criação dessa entidade, Luiz Carlos Prestes concedeu uma incisiva entrevista que provocou o início da cisão entre a União Democrática Nacional e os comunistas. Em junho, Gregório Bezerra⁴ chegou a Pernambuco e recomendou que os comunistas do Nordeste fossem para o PCB e os demais grupos para os respectivos partidos.

Desgarrando-se do esquema de forças da União Democrática Nacional, os comunistas buscaram espaço próprio. Na Paraíba, seu Comitê estadual instalou-se a 21 de julho de 1945, graças aos esforços da Comissão Organizadora formada por João Santa Cruz, Américo Pinheiro e Manuel Alves de Oliveira. Na instalação oficial, marcaram presença as delegações de Pernambuco, Rio Grande do Norte e interior da Paraíba; na ocasião, o Comitê foi definido, enquanto Campina Grande, zonas do Brejo e Sertão ganharam delegados especiais.

Diante desses acontecimentos, a Igreja Católica logo se mostrou insatisfeita, conforme podemos comprovar pela leitura no Jornal A União, lançando proclamação assinada pelo Arcebispo Dom Moisés Coelho, sentenciando que “os candidatos até esta data apresentados para a presidência da República são ambos dignos do sufrágio eleitoral dos católicos”⁵. Isso

³ Jornalista, ex-seminarista, professor do Seminário Arquidiocesano e do Liceu Paraibano, assim como oficial de reserva. Na Paraíba, foi o principal articulador cultural do pós-guerra, transitava fácil junto à chamada “Ala Moça”, que era constituída por Virgínius da Gama e Melo, Baldomiro Souto, Cláudio Santa Cruz, Dulcídio Moreira, João Neves, Péricles Leal, Ivanisse Pessoa da Cunha e Margarida Lucena. Cf. Mello, 2003, p. 119.

⁴ Participante da Aliança Nacional Libertadora (ANL), cuja principal tarefa foi a incumbência de deflagrar o movimento revolucionário de 1935 em Recife. Liderou a tomada do Quartel General e vários pontos importantes da cidade. Com o movimento derrotado, Gregório foi preso, espancado e barbaramente torturado, sendo condenado a 27 anos de prisão. Em 1942 foi transferido para a Ilha Grande e no ano seguinte, quando passou para o presídio Frei Caneca, conheceu Luís Carlos Prestes. Saiu da prisão em 1945 e participou do comício de Prestes, no estádio Vasco da Gama. Recebeu do PCB a tarefa de reorganizar o partido em Pernambuco. Nas eleições de dezembro do mesmo ano, Gregório foi o Deputado Federal mais votado para a Constituinte.

⁵ Jornal A União, 24 de abril de 1945.



significava que a Liga Eleitoral Católica⁶ fazia restrição à candidatura presidencial pecebista. Na mesma edição o padre Antônio Fragoso publicou artigo, intitulado “Católico e Comunista”, de maniqueia distinção entre os dois campos, que teve como fonte o papa Pio XII.

Segundo Bourdieu, o poder exercido no sistema religioso é o poder simbólico “(...) poder invisível que só pode se exercer com a cumplicidade daqueles que não querem saber que a ele se submetem ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1977, p. 31). Para Bourdieu, este poder é quase mágico, na medida em que permite obter o equivalente ao que é obtido pela força, graças ao efeito específico de mobilização. O poder simbólico é para Bourdieu:

Uma forma transformada, irreconhecível, transfigurada e legitimada das outras formas de poder. As leis de transformação que regem a transmutação de diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em particular, o trabalho de dissimulação e transfiguração que assegura uma verdadeira transformação das relações de força, transformam essas forças em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais, sem gasto aparente de energia (BOURDIEU, 1977, p. 408-11).

Assim como em outras partes do mundo, no Brasil da “redemocratização” de 1945 a Igreja Católica combateu as idéias comunistas. Esse posicionamento demonstra como a Igreja mantinha relações umbilicais com as classes dominantes, reproduzindo, fielmente, a ideologia do poder econômico e retirando o proletariado da influência das idéias marxistas. A ostensiva presença do PCB no processo político-eleitoral inquietou a Igreja, cujo arcebispo Dom Moisés Coelho organizou de 24 a 30 de setembro, em João Pessoa, a “Segunda Semana de Ação Católica”, apoiada pela União dos Moços Católicos e pelo Colégio das Neves.

A campanha eleitoral na Paraíba se fez notar, principalmente, na capital e em Campina Grande, onde a ação policial frente aos simpatizantes do comunismo se fazia sentir. Nos municípios menores essa ação também se fazia presente através das autoridades e, neste particular, destacavam-se a ação dos delegados de polícias.

A presença eleitoral comunista, agora mais concreta, chamou a atenção da Igreja que de imediato constituiu a seção estadual do Partido Democrata Cristão, cuja base residia na Liga Eleitoral Católica e na própria Arquidiocese, que se manifestou-se através da pastoral do Arcebispo Dom Moisés Coelho, a perceber pelo artigo “A Igreja e o Atual Momento Político Brasileiro – Orientação aos Católicos”:

Em qualquer dos dois principais candidatos podem os católicos votar. Quanto aos candidatos da representação federal falará a LEC. Há, porém, doutrinas político-sociais que devem ser repudiadas pelos

⁶ Durante as eleições de 1933, a Igreja criou a Liga Eleitoral Católica, cujo único objetivo era bater de frente com os candidatos da Liga Pró-Estado Leigo, os quais eram acusados de pertencerem ao credo comunista e inimigos dos ideais católicos.



católicos, impugnadas e combatidas pelos legítimos brasileiros, porque contém na sua dialética, princípios contra a Igreja, contra a Pátria e contra a família.⁷

Nas proximidades do pleito presidencial, a LEC, que continuava ouvindo os candidatos, aceitava os postulados católicos da UDN, PSD, PDC e PPS. Nesse sentido, cabia-lhe calçar a Cúria Metropolitana para a qual “Todos os partidos, exceto o comunismo, estão aprovados, (...) quem combater o materialismo pode estar certo de que estar defendendo a fé católica, as tradições nacionais, os direitos e os interesses da Igreja e do Brasil”⁸.

Nas eleições presidenciais de 1945, a Igreja Católica agiu com sua conhecida campanha anticomunista sobre o eleitorado do Estado, especialmente junto aos religiosos do interior, onde os vigários aproveitavam os sermões para representar aos fiéis católicos imagens nada promissoras sobre os partidários do marxismo-leninismo. Caso típico ocorreu em Cabaceiras, terra natal de Félix Araújo, onde ele, então candidato a deputado federal, não conseguiu nenhum voto, muito embora, curiosamente, Fiúza tenha obtido, ali, 12 sufrágios. Sobre a ação da Igreja naquela campanha, a professora aposentada, Maria de Lourdes Gaudêncio Nóbrega, de 88 anos, nos relatou que em Cabaceiras “os padres não gostavam (...). Os padres eram revoltados por causa do comunismo. Aqui mesmo, na Igreja daqui, o padre pregava contra, num aceitava”. A funcionária pública aposentada Amélia Aires de Queiroz Cavalcante, de 76 anos, também nos disse que ali “A Igreja era contrária. A Igreja era contra, toda vida foi”⁹.

O quadro paraibano demonstrava como o país vivia a chamada “redemocratização”, que trazia em si práticas do Estado Novo. A observação também é fruto de Mello, onde analisa que “a feição paraibana da redemocratização de 1945 foi um acontecimento muito mais político que social” (2003, p. 23).

2.2. A Eleição Estadual de 1947: Crescem os Obstáculos ao Comunismo

Em 1946, o Jornal Católico A Imprensa¹⁰ reapareceu atacando os marxistas que realizavam manifestações políticas. Certa vez o Partido Comunista do Brasil e a facção avançada da União Democrática Nacional realizaram um comício no Bairro do Roger, na capital paraibana, o que levou esse jornal a passar a perseguir os atos dos comunistas,

⁷ Jornal A União, 18 de novembro de 1945.

⁸ Idem.

⁹ Entrevista concedida ao autor em 23 de abril de 2005.

¹⁰ O Diário Católico A Imprensa, na década de 1930, exerceu um papel de propaganda clara pró-integralismo e de postura totalmente anticomunista. Porém, quando o interventor Ruy Carneiro foi empossado, a 15 de agosto de 1940, pretendendo subordinar diretamente o operariado e demais segmentos sociais, passou a dispensar a intermediação da Igreja. As relações entre a Arquidiocese e Interventoria se agravaram a 31 de maio de 1942, quando o interventor mandou fechar o jornal. Em março de 1946 o jornal reapareceu falando do “perigo vermelho” diariamente. Cf. Mello, 2003, p. 39.



divulgando algumas chamadas em letras garrafais na sua primeira página, como a da edição de 27 e 29 de março e 24 de maio de 1946, respectivamente:

Operários da Paraíba. Lembrai-vos de 1935 ! O Comunismo promete trair a PÁTRIA – Pátria que é vossa e de vossos filhos!¹¹

O chefe Luiz Carlos Prestes, é um agente de governo estrangeiro, advoga no Brasil os interesses da Rússia e o comunismo tenta prolongar noutras nações o domínio moscovita.¹²

Operários do Roggers lembrai-vos de 1937! O Comunismo promete trair a PÁTRIA, essa Pátria vossa e de vossos filhos !¹³

O comunista campinense Francisco de Andrade Lima disse que, em junho de 1946, ele e sua esposa Iraci, junto a Félix Araújo, João Pintor e Doralice, cunhada de Francisco Pereira, foram à residência de José Bezerra e Ídia para um almoço festivo. Durante a ocasião, em meio a uma conversa, Doralice começou a cantar o refrão “Bandeira Branca triunfará e o comunismo se acabará (...)”, deixando Félix pasmado e instigado a perguntar onde ela havia aprendido aquele hino. Ela de imediato respondeu que aquilo era o hino de Frei Damião e que se chamava “Bandeira Branca”. Félix retrucou dizendo que aquilo era um plágio do hino do Partido Comunista Italiano, que se chamava “Bandeira Rosa” e que o refrão na sua originalidade era “Bandeira Vermelha triunfará, e viva o comunismo pela liberdade!” (ALBUQUERQUE DO Ó, 1999, p. 33).

O episódio contempla a observação da ação conservadora da Igreja Católica, que muito cedo se preocupou em conter o comunismo. Em 1931, chegou ao Brasil o Frei Damião de Bozzano junto a uma leva de capuchinhos que tinham como meta principal empreender missões catequéticas de combate ao comunismo e fortalecimento da Igreja. A Paraíba foi o campo escolhido para o início das atividades do Frei Damião, e aquela situação vivida durante aquele almoço era resultado de seu empreendimento na ação que lhe foi atribuída. Ainda sobre a ação deste religioso na Paraíba Oliveiros Cavalcanti Oliveira¹⁴ nos relatou:

A Igreja usava um procedimento verdadeiramente antiético, dizia que os comunistas, eu mesmo assisti uma palestra que Frei Damião fez, em 1934 ou 1935, dizendo que os comunistas comiam carne de criança. Na Igreja catedral, ele dizia que os comunistas comiam carne de crianças, outros diziam que não existia família no Estado soviético, não havia respeito humano, respeito familiar e que as mulheres soviéticas eram quase todas prostitutas. Era uma campanha violentíssima, a Igreja dizia que na Revolução

¹¹ Jornal A Imprensa, 27 de março de 1946.

¹² Jornal A Imprensa, 29 de março de 1946.

¹³ Jornal A Imprensa, 24 de abril de 1946.

¹⁴ Primeiro vereador comunista de Campina Grande, eleito em 1955. Ele foi candidato pela Coligação Social Trabalhista (composta pelo PSD e pelo PTB), pois o PCB ainda encontrava-se na ilegalidade, contudo era membro do Comitê Municipal do PCB e foi eleito com os votos do Partido. Depois de cumprir o mandato de vereador, passou a ser secretário geral da Câmara de Vereadores de Campina Grande, de onde se aposentou no início da década de 1990.



Espanhola os comunistas tinham matado todos os padres (...). Então, era uma luta muito, digamos, desigual porque detinham todo o poder de propaganda e usavam violentamente contra os comunistas¹⁵.

Se os sistemas simbólicos são “denunciadores” de uma relação de poder - relação essa plenamente identificável na sociedade paraibana do período em estudo - deve-se atentar para o fato de que só “denunciam” essa relação porque são por ela definidos. Como afirma Bourdieu, esses “(...) ‘sistemas simbólicos’, como instrumentos de conhecimento e comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados” (1989, p. 09). Mais ainda:

(...) É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, (...) para a ‘domesticação dos dominados’ (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Em resumo, para Bourdieu, os instrumentos de poder simbólico são essencialmente instrumentos de conhecimento e de construção do mundo objetivo, que se manifestam através dos mais diversos meios de comunicação (língua, cultura, discurso, conduta, etc.), garantindo àqueles que os possuem a manutenção e o exercício do poder.

Mesmo no período do legalismo do PCB, ser militante comunista ou simpatizante era motivo de ser perseguido pelas forças do Estado. A Delegacia da Ordem Política e Social¹⁶ também não arriou a bandeira da espionagem naquele breve período de legalidade do partido.

As fomentações ideológicas carregadas de representações sobre o comunismo aumentavam à medida que se aproximavam as eleições para governador, vice-governador, senadores e deputados estaduais que se realizariam em 19 de janeiro de 1947. O comunista cajazeirense Sabino Guimarães explica:

Aqui em Cajazeiras, na campanha para a constituinte, nós fizemos um comício, inclusive com a presença de Santa Cruz, e foi um alarme. A Igreja, através das associações religiosas, tentou impedir. Durante o comício Santa Cruz estava fazendo um discurso, na Célula do partido, que funcionava na Praça João Pessoa, e foi uma reação violenta.¹⁷

Ocorridas às eleições de 19 de janeiro de 1947, o PCB conseguiu atingir o quociente eleitoral suficiente para eleger João Santa Cruz deputado estadual. Barbosa diz que ele:

¹⁵ Entrevista concedida ao autor em 23 de novembro de 2005.

¹⁶ O DOPS foi um órgão repressivo do governo brasileiro criado em 1924, quando então os imigrantes passaram a ser o alvo privilegiado, já que estavam associados às reivindicações sociais e políticas do país. O órgão adquire força com a ditadura varguista, quando em suas delegacias eram interrogados, muitos sob tortura, os chamados “presos políticos”, entre eles os marxistas em luta aberta contra o regime ditatorial. Cf. Silva, 2000, p. 49.

¹⁷ Entrevista concedida ao jornal A União, de 05 de abril de 1987.



Foi eleito por significativa votação, a despeito da cruel e impiedosa campanha que lhe moveram os centros religiosos, notadamente o clero católico que, embora não o citando nominalmente, o combatia se utilizando do púlpito e através de volantes, em linguagem virulenta contra os “agentes de Moscou” (BARBOSA, 1985, p. 34).

Muito embora tenham logrado o êxito de elegerem João Santa Cruz à Assembléia Legislativa Paraibana, o número de sufrágios somados de todos os candidatos a deputados foi inferior aos obtidos na eleição passada pelo candidato a presidente Yêdo Fiúza. Observamos que na capital e em Campina Grande os votos tiveram um decréscimo significativo, enquanto que em Mamanguape, Santa Rita, Sapé e Guarabira acentuaram-se os sufrágios. Merece ser ressaltado o fato de que na eleição passada não houve votos em oito municípios paraibanos e que nesta o número baixou para quatro, a saber, Soledade, Catolé do Rocha, Conceição e Itaporanga, o que possibilita compreender, apesar dos baixos números, a não homogeneização do poder de propaganda anticomunista pela Paraíba a fora.

2.3. “Diga Com Quem Tu Andas que Direi Quem Tu És”: Eleições Municipais de 1947

Esta campanha é considerada como sendo uma das mais duras, do ponto de vista ideológico. Os seguidores da religião católica continuaram sendo protagonistas de várias ações políticas contra os marxistas da Paraíba, o que só fazia aumentar o abismo do relacionamento entre os católicos e os comunistas.

Um outro exemplo destas ações foi quando o Centro dos Universitários Paraibanos em 20 de maio de 1947 fez uma extensa programação para lembrar o líder estudantil comunista pessoense Baldomiro Solto, que tinha sido responsável pela fundação da entidade e que há um ano havia aparecido morto na praia de Tambaú em João Pessoa, quando estava com 21 anos de idade. Dois dias depois das comemorações o jornal anticomunista *A Imprensa*, não se referindo ao nome de Baldomiro Souto, mas ao fato do suicídio, insinuou em seu editorial “Comunismo, Inimigo da Mocidade”, que:

Suicídio entre jovem que tem formação marxista deve-se ao fato do apego que ele tem ao materialismo e o desprezo pelo destino eterno. (...) Malditos os princípios que reduzem o ser humano a um punhado de matéria, sem alma e sem um destino eterno. (...) Fazem despertar até aos jovens, para quem a vida deveria ostentar-se como o mais doce dos sorrisos.¹⁸

¹⁸ Jornal *A Imprensa*, 22 de maio de 1947.



Este editorial serviu ainda mais para promover as representações sobre os comunistas paraibanos e fomentar na referida sociedade imagens negativas da responsabilidade do marxismo ter perturbado a cabeça do líder estudantil, levando-o ao suicídio.

Neste pleito, o jornal *A Imprensa* foi incansável na condenação ao comunismo, através de constantes e repetitivos artigos, evidenciando “a apropriação que o discurso jornalístico faz da política” (MARIANI, 1998, p. 227). Defendeu, aberta e convictamente, a tríade “Religião, Pátria e Família”, a livre iniciativa e a defesa da propriedade. Da mesma forma, atribuiu ao comunismo o papel de “inimigo” e a personificação do mal. Uma particularidade, no desenrolar da Guerra Fria, atrelada ao poder atômico de ambas as potências envolvidas, foi o tom apocalíptico que a acompanhava e que foi assumido, sobremaneira pelos Estados Unidos. Na sua primeira página, de 05 de outubro de 1947, os membros da Liga Eleitoral Católica¹⁹ pediram aos fiéis da Igreja que não votassem nos candidatos da UDN que concorriam às prefeituras de João Pessoa e Mamanguape, porque eles haviam abrigado candidatos comunistas, conforme segue:

É preciso que se faça uma distinção: se a legenda da UDN, nas secções municipais de João Pessoa e Mamanguape, dado o acordo e a ligação com os comunistas, é considerada suspeita e por isso mesmo não possam os católicos e bons brasileiros sufragar-lhe os nomes, de plena consciência, não o será, porém, nos outros municípios paraibanos onde os candidatos da UDN souberam respeitar os sentimentos religiosos do eleitorado. (...) Chamamos ainda a atenção dos católicos para o PSB, que em Santa Rita e Mamanguape recolheu na sua chapa elementos comunistas das mais variadas graduações do extinto partido.²⁰

O Jornal católico continuou durante todos os dias da semana que antecederam as eleições alertando o eleitorado católico a não votar nos candidatos comunistas e em quem estes estivessem apoiando. Em uma nota oficial da Liga Eleitoral católica, que foi publicada nos dias 07 e 12 de outubro de 1947, dia da eleição, os anticomunistas afirmavam:

O comunista, justamente por professar uma ideologia totalmente oposta à concepção cristã da vida, como qualquer outro cujas idéias se afastam da doutrina católica, não poderá de nenhuma maneira receber os sufrágios dos católicos nem mesmo figurando em legendas de outros partidos. É lamentável que a UDN tenha incluído entre seus candidatos nome de comunista declarado.²¹

E nos dias que antecederam o pleito, as publicações nesse jornal se intensificaram na tentativa de desfazer as propagandas que os comunistas fizeram em defesa de seus candidatos. Mais uma vez, o periódico insistia para que os católicos não votassem neles:

¹⁹ Durante as eleições de 1933, a Igreja criou a Liga Eleitoral Católica, cujo único objetivo era bater de frente com os candidatos da Liga Pró-Estado Leigo, os quais eram acusados de pertencerem ao credo comunista e inimigos dos ideais católicos.

²⁰ Jornal *A Imprensa*, 05 de outubro de 1947.

²¹ Jornal *A Imprensa*, 07 e 12 de outubro de 1947.



Não deixa de ser estranhável a desenvoltura com que conhecidos elementos comunistas da cidade percorram os nossos bairros a serviço de propaganda de serviços dos candidatos a que eles chamam, por eufemismo, de populares. Não sabemos se assim agem com beneplácito das autoridades policiais.²²

Candidatos comunistas ou os que se servem da propaganda e dos votos comunistas não merecem o sufrágio dos católicos.²³

Todas as legendas e nomes de candidatos na capital, excetuando-se os do Partido Comunista e os que mantêm com o mesmo alianças suspeitas, merecem o sufrágio do eleitorado pessoense.²⁴

À medida que se aproximava o pleito esse jornal publicou incontáveis e repetitivos artigos condenando e execrando os comunistas, mesmo quando o assunto não se referia ao tema, não era perdida a oportunidade de depreciá-los. Nesse jornal, a imagem do comunismo era constantemente veiculada e reforçada por esta repetição constante. Tal regularidade expressava todo um comprometimento ideológico com a causa anticomunista. Assim, o jornal descrevia os comunistas como a personificação do mal, o demônio com todos os seus atributos. E o mais grave: atingia a moral cristã, admitindo o divórcio, o amor livre e o aborto, o que era entendido como um incitamento à dissolução da instituição familiar, como demonstravam as afirmações do artigo “A RÚSSIA e o Amor Livre”, que segue:

A revolução socialista de outubro (1917) aboliu a desigualdade política, jurídica e econômica da mulher, mas houve quem interpretasse erroneamente essa liberdade (...) Numa sociedade estritamente socialista, tal prática conduz a um relaxamento de costumes indigno do homem, suscita problemas pessoais, infelicidade e dissolução da família.²⁵

A demonização do comunismo, adotada pela imprensa, era de uso corrente no jornal *A Imprensa*. A luta entre socialismo e capitalismo passou a representar a luta do bem contra o mal, o embate entre Deus e o Diabo. O demônio era sedutor, astuto, sorrateiro, insidioso, envolvia suas vítimas inocentes com mentiras e falsas promessas. Era assim que o comunismo agia com suas vítimas, iludindo-as com falsas promessas de igualdade para depois escravizá-las: “Mais de um bilhão de pessoas, metade da população do mundo, são vulneráveis à sedução comunista”, afirmava o artigo citado. Dizia ainda que o comunismo era perigoso, contagioso como uma doença: “A doença é um mal, mas a pior de todas as doenças é o comunismo. A própria Rússia era um gigante enfermo”.

Motta (2002) chama atenção para o fato de que, ao comparar o comunismo a doenças, a intenção era mostrar que os comunistas só poderiam ser doentes. Certamente, pessoas

²² Jornal *A Imprensa*, 09 de outubro de 1947.

²³ Jornal *A Imprensa*, 10 de outubro de 1947.

²⁴ Jornal *A Imprensa*, 11 de outubro de 1947.

²⁵ Jornal *A Imprensa*, 13 de outubro de 1947.



saudáveis, em plena sanidade, não adotariam o comunismo como credo. O autor também aponta para representações ligadas a animais, como aranha, polvo, etc., que pretendiam representar o projeto comunista de dominação mundial. Nesta analogia, o comunismo, com suas teias e tentáculos, urdia silenciosamente uma cilada para os povos incautos (MOTTA, 2002, p. 52-54). A União Soviética era identificada como centro irradiador do mal. Deste modo, “o comunismo deixa de ser um conceito político para tornar-se a imagem de um país” (MARIANI, Op. Cit, p. 147).

Apesar destas articulações visando divulgar imagens negativas sobre os comunistas, o resultado das urnas, no pleito municipal de 1947, mostrou a vitória de João Cabral Batista, como vereador mais votado de João Pessoa, o mesmo ocorrendo com João Pedrosa Cavalcanti, em Campina Grande, que logrou a sétima posição.

3. Conclusão

No presente artigo estudamos como se formou um imaginário local sobre o PCB e de que forma se deu o processo, da construção do discurso oficial à sua recepção popular. Para tanto analisamos a partir da reorganização política do PCB, ocorrida com a “redemocratização” de 1945, quando a derrocada nazista permitiu também a queda do Estado Novo getulista e possibilitou a reorganização dos partidos que por mais de dez anos se encontravam suplantados.

Observamos que o PCB se fez presente através de seus militantes e ao longo de todo esse processo, travando embate físico e ideológico com o poder então instituído e com as instituições civis que serviam a estes. Conhecedor do projeto de tomada de poder proposto desde VI Congresso Internacional, que teve lugar em Moscou no ano de 1928, cujas bases proletárias seriam responsáveis por esta tomada, o Estado, brasileiro e paraibano, desde então cuidou em “trabalhar” a sociedade no sentido de fazê-la crer no seu discurso sobre o comunismo. Utilizou-se para isso de elementos fortes para a persuasão do meio popular, a exemplo da Escola, da Família, da Imprensa e, sobretudo da Igreja Católica que exerceu fundamental papel na representação da ideologia comunista, uma vez que na primeira metade do século XX a população paraibana era essencialmente católica. Os padres pregavam seus sermões representando que o comunismo era coisa do Diabo e que os religiosos deveriam combater este mau, não deixando que esta ideologia política se instaurasse. Entre os fiéis estavam proprietários rurais, camponeses, artesãos, comerciantes, e outros pequenos agregados que acreditavam veementemente na propaganda anticomunista. Apesar das várias tentativas dos militantes comunistas de se fazerem presente no cenário local, foi, portanto sob



essa égide que se construiu o imaginário sobre o comunismo na Paraíba, referenciado como algo mau e, portanto prejudicial àquela sociedade.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE DO Ó, Alcides de. **Campina Grande: História & Política (1945-1955)**. Campina Grande: Edições Caravela/NCP, 1999.

AUED, Bernardete Wrublevski. **O Sapateiro Militante: José Peba Pereira dos Santos**. Campina Grande: 2006.

BARBOSA, João Batista. **Santa Cruz e o Jornal do Povo: Uma Contribuição à História das Lutas Sociais na Paraíba**. João Pessoa: Santa Marta, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradutor: Fernando Tomaz. Lisboa: Difel, 1989.

FERREIRA, Marieta Morais. A Nova Velha História: O Retorno da História Política. IN: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, Nº. 10, 1992.

MELLO, José Octávio de Arruda. João Santa Cruz: O Patriarca do Comunismo na Paraíba. IN: **História e Debate na Assembléia da Paraíba**. João Pessoa: A União, Vol. I, 1996.

_____. **Nos Tempos de Félix Araújo: Estado Novo, Guerra Mundial e Redemocratização (1937-1947)**. João Pessoa: SEC-PB/IPHAEP, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra o "Perigo Vermelho": O Anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa: Os Comunistas no Imaginário dos Jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

SILVA, Waldir Porfírio. **Bandeiras Vermelhas: A Presença dos Comunistas na Paraíba (1900-1960)**. João Pessoa: Editora Textoarte, 2003.

FONTES PRIMÁRIAS

Jornais

A União de 05 de setembro de 1945.

A União de 18 de novembro de 1945.

A União de 05 de abril de 1987.

A Imprensa de 22 de maio de 1945.

A Imprensa de 27 de março de 1946.

A Imprensa de 29 de março de 1946.

A Imprensa de 24 de abril de 1946.

A Imprensa de 05 de outubro de 1947.

A Imprensa de 07 de outubro de 1947.

A Imprensa de 09 de outubro de 1947.

A Imprensa de 10 de outubro de 1947.

A Imprensa de 11 de outubro de 1947.

A Imprensa de 12 de outubro de 1947.

ENTREVISTAS

CAVALCANTE, Amélia Aires de Queiroz. Funcionária Pública Aposentada: 76 anos. Cabaceiras, 23 de abril de 2005.

SANTOS, José Peba Pereira. Sapateiro aposentado: 89 anos. Campina Grande, 13 de novembro de 2005.

NÓBREGA, Maria de Lourdes Gaudêncio. Professora Aposentada: 88 anos. Cabaceiras, 21 de abril de 2005.

OLIVEIRA, Oliveiros Cavalcanti. Funcionário público aposentado: 80 anos, 23 de novembro de 2005.